



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A trajetória da figura feminina na literatura pelos olhares de Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz¹

Autores (Mércia Cristina dos Santos Farias e Núbia Maria Soares dos Santos);
Coautores (Maria Vicente dos Santos Gomes e Roseane Maria Amorim).

Universidade Federal de Alagoas

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo investigar o modo como foi trabalhada a concepção da mulher nos romances da década de 30, escritos por Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz. Pretendemos fazer uma investigação sob o caráter de revisão bibliográfica, focada na visão histórica sobre a trajetória da mulher tendo como base os romances dos anos 30 já citados e a visão da mulher constituída historicamente. Partimos do pressuposto de que a visão da mulher tem sido historicamente construída pela exclusão e somente, a partir do século XX, começam a ascender os movimentos sociais (tal como o feminismo) que lutam pelo reconhecimento igualitário da mulher na sociedade. Além disso, analisaremos o formato como a mulher foi apresentada em algumas obras de Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, bem como as críticas e os dilemas que as personagens retratavam sobre a sociedade da época em que foram escritos os romances, uma vez que a mulher começava a mudar de posição na sociedade, não sendo mais submissa, mas sim, buscando a sua independência, tanto financeira, quanto sentimental.

PALAVRAS-CHAVES: Feminismo, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz.

Um dia,
Vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino
Tudo me daria.
(Gilberto Gil)

INTRODUÇÃO

A epígrafe, acima, nos remete a uma dimensão temporal em que as mulheres foram pensadas como ocupantes legítimas do espaço doméstico e em que os lugares legítimos dos homens seriam os espaços da rua e, conseqüentemente, o mundo intelectual seria dos seres humanos masculinos (FREIRE, 2012). Neste ínterim, a luta que as mulheres travaram se deu em diferentes dimensões e espaços.

¹ Artigo baseado em resumo expandido apresentado no evento CAITE-2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sabemos que, por muitos séculos, a mulher foi excluída do grupo intelectual da sociedade por ser considerada, pelos constituintes desse grupo (homens), um ser não dotado de inteligência/capacidade intelectual. Assim, considerando essa linha de pensamento, a mulher só saberia cuidar das crianças e dos afazeres domésticos, por exemplo, lavar, cozinhar, passar, dentre outros.

No entanto, esse cenário começa a ser modificado no final do século XIX começo do século XX, propiciando a introdução das mulheres no mercado de trabalho, principalmente nas funções de professoras de escolas primárias, pois, tinha-se a ideia de que a mulher era dotada de um instinto maternal ligado às crianças (filhos), por isso, ela passa a cuidar e a ensinar nas séries iniciais, o que reflete na abertura dos ambientes de trabalho para as mulheres exercerem a docência. Nesse limiar, algumas mulheres partiram para o campo literário, como foi o caso da autora Raquel de Queiroz, que se destacou como escritora no início do século XX, tendo seus escritos reconhecidos, tais como as suas crônicas – publicadas em jornais semanais da época como ‘O Ceará’ e ‘O Povo’ –, que foram bem criticadas e elogiadas e pela grande quantidade de livros publicados e lidos.

Para tanto, elaboramos como questão de pesquisa a seguinte indagação: Qual o papel da mulher na sociedade brasileira a partir da sua incursão no mercado de trabalho? Nessa perspectiva, temos como objetivos: (1) apresentar o lugar da mulher na sociedade do começo do século XX, levando em consideração as obras estudadas, e (2) analisar o papel da mulher na produção dos autores pesquisados.

De tal modo, no decorrer deste trabalho, apresentamos os caminhos teórico-metodológicos, os resultados e a discussão, e, por fim, as considerações finais.

CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Para a construção deste trabalho, baseamo-nos na análise e na investigação de obras literárias. Sendo assim, nosso estudo faz parte de uma pesquisa qualitativa que



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

tem como suporte teórico os estudos culturais. A literatura permite o contato com diferentes formas de vida em diversos espaços e tempos históricos. Por isso, estamos filiados à história cultural, enfatizando os estudos sobre a diversidade. Neste caso, o nosso olhar está sobre os dizeres em relação às mulheres. Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida por etapas. Na primeira, fizemos leituras sobre as obras de Graciliano Ramos, para, depois, debruçarmo-nos sobre a obra de Raquel de Queiroz. Nessa perspectiva, estudamos a figura da mulher que se encontra nas obras: O Quinze (1930), São Bernardo (1934), Caetés (1933), Brandão entre o Mar e o Amor (1942), bem como Tantos Anos (1998) de Raquel de Queiroz e Maria Luíza de Queiroz. Nesta investigação, demos ênfase ao questionamento do papel da mulher na sociedade e de como isso se modifica com a sua entrada no mercado de trabalho, ainda que passando por diversos preconceitos.

Esclarecemos que não tivemos a pretensão de esgotar o assunto e nem, tão pouco, dar conta de todas as complexidades inerentes às obras estudadas. Metaforicamente, podemos dizer que o nosso intuito foi apresentar alguns vislumbres (feixes de luz) sobre o tema abordado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Luta feminina frente à sociedade machista²

A presença da mulher na literatura começa muito antes de sua ascensão profissional e independência econômica, visto que os autores da época sempre exaltavam seus dotes carnis e suas feições de pureza. Esses aspectos, que apareciam nos livros, estavam estritamente ligados ao convívio das pessoas na sociedade da época, que colocava a mulher em uma posição restrita de cuidadora dos filhos e do lar e para satisfazer os desejos do seu marido.

No entanto, esse modelo de organização da sociedade começa, de forma sutil, nas primeiras décadas do século XX, a se modificar por meio da educação. A educação

² Machismo: “Comportamento que tende a negar à mulher os direitos concedidos aos homens” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009, p. 476).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

era fornecida pela igreja católica de forma rígida, com valores éticos e morais, separando os ensinamentos de homens e mulheres. Por essa razão, as jovens ficaram responsáveis por ministrar aulas para as crianças, uma vez que possuíam um instinto maternal que os homens não tinham, o que as levaria a encontrar um caminho para se profissionalizar e desenvolver a sua autonomia econômica.

[...] foram aquelas primeiras (e poucas) mulheres que tiveram uma educação diferenciada, que tomaram para si a tarefa de estender as benesses do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que dizia que mulher não necessitava saber ler nem escrever (DUARTE, 2003, p. 153).

A entrada da mulher no mercado de trabalho representava duas posições na regência da sociedade, uma em que ela era admirada e a outra, totalmente oposta, em que ela era um perigo, pois uma mulher escolarizada iria buscar com veemência a garantia dos seus direitos e sair da submissão dos dominantes machistas, além de conquistar prestígio e assumir cargos importantes.

Dessa forma, a evolução social e intelectual feminina no início do século XX foi marcada pelo preconceito e pela incredulidade dos homens em relação à capacidade da mulher em construir sua própria trajetória (LASTA, 2013, p. 4).

Para que isso não se tornasse um problema, a educação voltada para as mulheres tinha como foco desenvolver os dotes para as tarefas domésticas e a criação dos filhos, conforme aponta Rodrigues:

A sociedade da época imaginava a mulher como o símbolo da pureza. Uma mulher generosa, materna, cristã, e que sua beleza e bondade fosse o ideal para disseminar estas qualidades para a vida social. Desta forma, a mulher foi alçada para educação dos pequenos, embora, os estudos eram mais direcionados para os afazeres domésticos e o cuidado com a família (RODRIGUES, 2012, p. 96).

Na esfera literária, esse funcionamento social aparecia evidenciado em alguns escritores romancistas, como o caso do escritor Graciliano Ramos. Entretanto, na



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

década de 30, o autor começou a transitar do gênero literário do romance para o realismo/naturalista – estilo bem marcante em seus escritos. Nessa época, o autor escreveu o seu primeiro romance/realista, *São Bernardo* (1934), que retrata a história de Madalena e Paulo Honório, em que se evidencia como a mulher era vista e tratada.

Madalena era uma mulher batalhadora que trabalhava ministrando aulas para a educação infantil e também escrevia artigos para um jornal, antes de conhecer Paulo Honório que, posteriormente, veio a se tornar seu marido. Quando se casa, Madalena é incentivada pela tia a parar de ensinar, visto que já tinha arrumado um marido e não precisa se preocupar mais com dinheiro. Contudo, ela não aceita isso. Logo, começa a trabalhar com a contabilidade da fazenda e, por conseguinte, na escola fundada na propriedade. Madalena estava à frente de seu tempo. Ela não se calava diante das injustiças, mesmo que, para isso, tivesse que se opor ao seu marido, o que lhe custou a própria vida. Madalena era uma ameaça para a hierarquia de seu marido, e por não resistir às humilhações e aos diversos conflitos, ela acaba se matando.

Nessa ficção, percebemos como Graciliano é fiel à realidade e peculiar nos detalhes. A trama mostra a posição de uma mulher que começava a trabalhar para ter a sua independência, que lhe é privada, quando ela se casa e é obrigada a cuidar apenas do lar. Mas Madalena não se limitou a isso. Por ser uma mulher estudada, ela conhecia muito bem seus direitos e, assim, lutou pelo fim da desigualdade dentro e fora de sua casa. Isso porque, ela dava opinião até nos negócios do marido, sempre a favor dos funcionários, o que era inadmissível naquela época, visto que a mulher casada deveria ser submissa ao homem.

Apesar disso, a personagem mostra a ruptura que se faz sobre o lugar da mulher. O desejo de trabalhar e obter a independência levaram Madalena a lutas concretas com o marido, passando aos leitores a guerra de valores que se perpetuava na sociedade. O simbolismo da sua morte nos revela como a luta feminina é sufocada pelo machismo dominante, que reprimiam as mulheres da época na conquista de seu espaço. Diante disso, Rodrigues (2012, p. 96) afirma que: “suposta inferioridade da mulher em relação



ao homem é uma característica que perpassa por várias sociedades de estrutura patriarcal, justificando e legitimando as desigualdades entre os sexos”.

No livro de Caetés, Graciliano Ramos retrata a figura da mulher como sendo forte – mulheres guerreiras diante de uma cultura completamente machista em busca de seu lugar na sociedade. Marta Varejão e Luísa são as mulheres que Graciliano tem o prazer de mencionar neste livro. Luísa, todavia, ao trair o marido, é muito criticada pela sociedade, cuja falta pela mulher é vista e julgada como imperdoável.

Mesmo estando em outra época, vivendo em um mundo globalizado cheio de informações, nós ainda continuamos com pensamentos do século passado. Por exemplo, muitas mulheres são jugadas e condenadas por atos que seriam tidos como normais, se fossem feitos por pessoas do sexo masculino como prova de sua virilidade, coisas do instinto masculino, tal qual a citação “é homem, ele pode”. Esse livro retrata bem essa diferença entre os gêneros, visto que, naquela época, os homens eram livres para ir ao bordel, enquanto as mulheres os esperavam em casa, cuidando dos afazeres domésticos e das crianças.

Graciliano Ramos retrata proficuamente em seus livros como as mulheres eram vistas naquela época. Madalena, Marta Varejão e Luísa são mulheres que chamavam a atenção por causa da beleza e, para os homens, casar com mulher feia não era bom negócio, uma vez que no período em tela, como ainda hoje, o valor estava na beleza aparente, levando em consideração que os padrões de beleza daquela época eram diferentes dos atuais. Assim, fica claro nos livros de Graciliano que as mulheres vistas como bonitas e formosas tinham a pele branca, eram prendadas e inteligentes. Mas embora os homens se casassem com mulheres que se destacavam por tais qualidades, ao desposá-las, tentavam apagar esse brilho da inteligência feminina, impedindo-as de realizar qualquer atividade remunerada fora de casa.

Outro acontecimento importante, para a quebra dos tabus sobre a literatura produzida por mulheres, foi o livro *Brandão entre o mar e o amor* (1942), o qual foi



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

realizado por um conjunto de cinco escritores – Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Aníbal Machado e Raquel de Queiroz – que ficaram responsáveis cada um por um capítulo. Dentre esses autores, Graciliano Ramos ficou responsável por escrever o terceiro capítulo e Raquel de Queiroz pelo quinto e último capítulo. O que impressiona é a escrita marcante de cada um, podendo ser reconhecida pela forma autêntica de expor os sentimentos e os colocar dentro de uma história, dando a cada capítulo um rumo diferente e surpreendendo, assim, os leitores. Como afirma Gimenez sobre a parte que coube a Graciliano redigir:

A parte que lhe tocou redigir, “Mário”, é a terceira de um conjunto de cinco e firma a vocação dramática do escritor, cuja visada se cerra no empenho aproximativo de um caráter humano; prefere assim deixar de lado o protagonista, um espírito aventureiro, para adentrar a personalidade torturada de Mário, um doente preso à cama e avesso às inconstâncias de Brandão (GIMENEZ, 2009, p. 243).

Na obra de Raquel de Queiroz, *O Quinze*, observamos a personagem Conceição e, também, a própria história da autora que, segundo ela nos conta, foi bastante difícil ao perpassar por alguns preconceitos em forma de críticas, como explica no trecho a seguir:

O Quinze foi publicado em agosto de 1930. Não fez grande sucesso quando saiu em Fortaleza. Escreveram até um artigo falando que era impresso em papel inferior e não dizia nada de novo.

Outro sujeito escreveu afirmando que o livro não era meu, mas do meu ilustre pai, Daniel de Queiroz. E isso tudo me deixava meio ressabiada (QUEIROZ; QUEIROZ, 1998, p. 31).

A personagem Conceição era uma mulher com ideias muito diferentes das de outras mulheres de sua época – um fato curioso. Conceição trabalhava como Normalista e gostava de Vicente que, apesar de ser filho dos donos da fazenda, não quis estudar igual ao seu irmão (o orgulho da família), preferiu ser um vaqueiro. O romance já parecia de início uma história sem um final feliz e foi assim que a escritora o fez. Afinal, quem disse que toda história tem de ter final feliz?



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Bem diferente do seu estilo, Raquel de Queiroz escreveu seu primeiro livro com um final em que a mocinha não se casou com o mocinho, nem mesmo para atender aos anseios da família e da sociedade. É nesse aspecto que os livros de Queiroz se distinguem dos de Ramos, isto é, mesmo as mulheres tendo um trabalho, elas cediam aos costumes da época e deixavam os seus trabalhos remunerados para se unirem ao esposo. Conceição, por ser uma mulher instruída para além de sua época, por motivos de ciúmes que ela supostamente acreditou e nunca procurou confirmar, decidiu não querer mais ver Vicente e o desprezou, sendo essa uma atitude fora dos costumes, pois a mulher que existia naquele contexto deveria suportar a infidelidade em nome da sua posição social. Isso significava não desistir de um bom partido por nada, como o personagem Vicente que era tosco por opção própria, mas era bem-nascido e era um bom partido para a época. Assim, foi o motivo do ciúme que deu um rumo diferente ao final do romance, quando Vicente passou a dar atenção a uma das primas de Conceição, que já ambicionava conquistá-lo como marido. Conceição como teve a opção de se casar ou continuar solteira e manter seu trabalho, escolheu continuar solteira, indo completamente de encontro aos costumes da época, o que a faz uma personagem feminina desbravadora.

A luta feminina para conseguir ser reconhecida como um ser capaz de pensar e dotado de inteligência foi muito grande, tendo, como exemplo, as palavras de Raquel de Queiroz, no livro *Tantos Anos* em parceria com a sua irmã Maria Luíza de Queiroz, que escrevera sobre sua própria história e suas lutas:

Eu nunca tinha tido a ideia de entrar para a Academia Brasileira de Letras. Inicialmente havia a proibição à entrada de mulheres. Mas nem isso me preocupou, porque jamais tive espírito associativo, nunca participei de clubes literários e congêneres, talvez por preguiça ou indisciplina (QUEIROZ; QUIEROZ, 1998, p. 209).

Quando observamos que Raquel tomou posse em agosto de 1977 na Academia Brasileira de Letras, é possível analisar o quanto foi difícil para uma mulher conseguir esse título, mesmo se destacando em suas obras e recebendo elogios de outros grandes



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

autores desde a década de 1930, só tendo o reconhecimento mais de quarenta anos depois.

Algumas coisas foram modificadas ao longo do tempo, outras não. A categoria feminina ainda enfrentará uma grande luta pela frente, pois a igualdade entre homens e mulheres está longe de acontecer na prática. Para que se obtenha mudança, é preciso que a própria mulher transforme sua maneira de pensar e de agir a respeito dos seus direitos. Logo:

[...] o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas (DUARTE, 2003, p. 152).

Podemos ver, na realidade social, que as mulheres não tomaram posse desse direito de maneira completa. Assim, podemos ver mulheres ativas se destacando e outras muito impregnadas por pensamentos machistas. O que é natural acontecer, pois não é de uma hora para outra que as mentes se transformam e que as lutas têm resultados. Romper com os costumes da sociedade continua sendo o maior obstáculo ao reconhecimento. De tal forma, ao mesmo tempo em que estudamos a biografia e bibliografia de Raquel de Queiroz e aplaudimos sua vitória, fazemos o contraponto com a violência contra a mulher, que é vista estampada em todos os meios de comunicação. O que torna claro que, mesmo conquistando muitos direitos, muitas mulheres não conseguem usufruir deles, colocando a luta feminina longe de ter um fim.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas obras analisadas, percebemos como a mulher é deslocada em um espaço submisso, onde o que prevalece é a visão masculina, voltando-se para uma visão



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

igualitária/libertária, sendo este o foco dos escritos de Graciliano e Raquel, que coloca mulheres marcantes e guerreiras que não querem seguir os padrões estabelecidos pela sociedade, mas sim, serem livres para redigir suas histórias com seus desejos.

Diante disso, a luta das mulheres pelo reconhecimento e pela liberdade vem ganhando força, nos últimos anos, com a ascensão da mulher no mercado de trabalho e o acesso à escolarização – um cenário que começa a mudar. Entretanto, mesmo com as conquistas desses direitos, muitas mulheres não conseguem usufruir disso, visto que sofrem de violência física e psicológica. Por isso, a luta do movimento feminista está longe do fim, não é apenas a conquista dos direitos, é poder utilizá-lo sem discriminação, nem superioridade de um determinado grupo machista, o que deve existir é a igualdade de gênero.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância L. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

FREIRE, Eleta de C. Histórias de gênero na história da educação brasileira. In: AMORIM, Roseane M. de; NETO BATISTA, José. **Memórias e histórias da educação sobre a diversidade cultural no Brasil**. Recife: UFPE, 2012.

GIL, Gilberto. Super-homem – a canção. In: GIL, Gilberto. **Realce**. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1979. 1 CD. Faixa 3.

GIMENEZ, Erwin T. Graciliano Ramos, uma poética da insignificância. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 67, p. 231-250, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. de M. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LASTA, Gabriela; SANTOS, Wilma C. A representação da condição feminina no romance de 30: uma leitura de O Quinze e São Bernardo. Encontro Interdisciplinar de Educação – ENIEDUC, 2013, 5., Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão, PR: UNESPAR/FECILCAM, 2013.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 53. ed. Rio de Janeiro: Record, 1990.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

RAMOS, Graciliano. **Caetés**. 10. ed. São Paulo: Martins, 1972.

RAMOS, Graciliano. **Brandão entre o mar e o amor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

RODRIGUES, Jobede P. A representação da personagem feminina professora no romance de 30: uma leitura de São Bernardo. Encontro de Diálogos Literários: um olhar para a intertextualidade, 2013, 2., Campo Mourão. **Anais...** Campo Mourão, PR: UNESPAR/FECILCAM, 2013.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 97. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2014.

QUEIROZ, Raquel de; QUEIROZ, Maria Luíza de. **Tantos anos**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 1998.